

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Maísa Morelli Samagaio

A COMUNIDADE NÃO - BINÁRIA E AS MÍDIAS SOCIAIS

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: RAPHAEL BISPO DOS SANTOS

Juiz de Fora
2023

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **MAÍSA MORELLI SAMAGAIO**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202073106A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A COMUNIDADE NÃO - BINÁRIA E AS MÍDIAS SOCIAIS**, desenvolvido durante o período de 04 de setembro de 2023 a 05 de dezembro de 2023 sob a orientação de **RAPHAEL BISPO DOS SANTOS**, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e/ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

MAÍSA MORELLI SAMAGAIO

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

A COMUNIDADE NÃO - BINÁRIA E AS MÍDIAS SOCIAIS

Maísa Morelli Samagaio¹

RESUMO

O presente trabalho pretende tratar sobre os problemas sociais enfrentados por pessoas não binárias e como algumas delas utilizam de redes sociais em busca de formar comunidades e trocar relatos de violências. No contexto ocidental, a questão da identidade de gênero é marcada por uma noção binária, ou seja, que haveria apenas dois gêneros (homem e mulher), sendo estes definidos por meio do sexo da pessoa ao nascer. Todavia, existem identidades de gênero que vão contra essa matriz. A ideia deste trabalho é demonstrar como esse sistema envolve várias estruturas da vida humana e como ele afeta a vida de pessoas; não só o gênero, mas a linguagem e a sexualidade também. Sendo assim, pessoas não-binárias são sistematicamente excluídas, inviabilizadas e incompreendidas em razão dessa matriz que não as compreende. O método utilizado foi a revisão bibliográfica e análise de postagens realizada em um grupo no *Facebook*. Foi possível observar que o grupo on-line era utilizado de diversas formas, dentre elas, para formar novas amizades ou para desabafos.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero, Matriz Binária, Não - Binário, Mídias Sociais.

INTRODUÇÃO

Ao pensar sobre a categoria gênero, abre-se um leque sobre todas as áreas da vida humana transpassadas por ele. Desde a infância, no contexto ocidental, as crianças são incentivadas a agir e atuar de acordo com seus papéis de gênero. O gênero é uma construção socio-cultural que, nas sociedades ocidentais, é disseminada a ideia de que ele estaria associado à sexualização dos corpos, e sendo assim, existiriam apenas dois gêneros, homem e mulher, por conta da ideia de existir apenas dois sexos e que o gênero estaria ligado ao sexo, sendo apenas uma mera manifestação dele. Todavia, como será debatido neste trabalho, não há necessariamente uma relação entre sexo e gênero, portanto, o gênero seria uma construção socio-cultural. Neste sentido, a matriz binária, é responsável por invisibilizar e negar a existência de uma pluralidade e diversidade no que se refere ao gênero ao longo dos tempos, afetando, inclusive, identidades não binárias.

Sendo assim, para discutir este tema, este trabalho se baseará em revisão bibliográfica e análise de postagens realizadas por pessoas não binárias em um grupo do *Facebook*. Primeiramente, será aprofundada a discussão quanto ao gênero, em seguida será abordada a matriz binária do gênero e por último a análise das publicações. A ideia principal é fazer uma análise das emoções desses sujeito por meio de suas publicações para compreender como eles se sentem ao conviver em uma sociedade em que as ideias difundidas contribuem para seu sentimento de invisibilização e apagamento social. Assim como compreender o grupo como um local que pode oferecer acolhimento e sentimento de pertencimento.

O que é gênero?

Para iniciar esta discussão, primeiramente, torna-se relevante discutir sobre o que podemos entender como gênero. Conforme apresenta Judith Butler em seu texto "**Problemas de Gênero**", gênero é uma construção social, que não exprime necessariamente uma relação com o sexo em si.

[...] a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: RAPHAEL BISPO DOS SANTOS.

causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo.” (BUTLER, Judith. 2018, n.p.).

Segundo Butler, o sexo é uma categoria própria, dessa forma não faria sentido subverter o gênero a uma simples interpretação cultural do sexo, uma vez que ambos são atravessados pelo discurso cultural. No caso do sexo, que seria anterior a cultura e politicamente neutro em relação a ela, a ideia do “sexo natural”. Além disso, conforme apresenta Berenice Bento (2003), os corpos são influenciados pela cultura desde o nascimento, atravessados pelo discurso que determinam e validam quais são as formas aceitáveis e não aceitáveis de gênero. Ela afirma que todos nós já nascemos “operados”, no sentido de que somos atravessados por expectativas quanto ao comportamento e a sexualidade desde a tenra infância, e os comportamentos de cada gênero (homem e mulher) são atribuídos à natureza, vistos como inatos. Desde a infância, meninas e meninos são instruídos a como devem se portar, reforçando a construção de seus gêneros. Vestidos, cores delicadas, bonecas, jogos de panela, entre outras brincadeiras relacionadas às atividades domésticas ou que não requerem muita força física, para as meninas. Enquanto para os meninos, calças, cores fortes, bolas, carrinhos, revólveres, e brincadeiras relacionadas às atividades “perigosas” ou que requerem força física. (

Ao tratar da transexualidade em seu texto, **Transexuais, corpos e próteses**, Bento apresenta que a motivação por interferências cirúrgicas por algumas pessoas trans, é uma busca por um corpo que lhe garanta inteligibilidade e coerência social. Demonstrando que existe a ideia do que seria idealmente um corpo feminino ou masculino, e aquele que não se enquadra nesse padrão, é descartado da categoria ser humano. Sendo assim, a autora defende que a experiência transexual revela o caráter performático do gênero, assim como a capacidade de se resignificar o que se entende por masculino ou feminino. Portanto, os indivíduos têm a ideia e interpretam o que seria um homem ou uma mulher de “verdade”. A autora utiliza a palavra verdade entre aspas, pois, segundo ela, “[...] a verdade dos gêneros não está no corpo- já nos diz a experiência transexual -mas nas possibilidades múltiplas de construir novos significados para os gêneros.” (BENTO, Berenice 2003, n.p.)

Sendo assim, Bento apresenta que essa performance não é intrínseca e individual a cada pessoa, como se o gênero fizesse parte da essência do indivíduo. O gênero se apresenta por meio dos padrões de vestimenta, do corpo e comportamentos socialmente instituídos que precisam ser repetidos continuamente. Assim sendo, “as reiterações do sistema em afirmar a determinação da natureza sobre os gêneros revelam que o gênero não é uma identidade estável, mas identidade debilmente construída no tempo.” (BENTO, Berenice, 2003. n.p.). Portanto, há fragilidades, fissuras e contradições geradas pelas próprias rematerializações e reiterações das ideias socioculturalmente construídas que circundam o gênero.

Por fim, vale ressaltar que o desenvolvimento do conceito de gênero e a discussão deste tema passou a ser tratado inicialmente nas Ciências Sociais com o interesse de debater a questão da opressão sofrida pelas mulheres e sua relação com o patriarcado. Assim, os estudos sobre este tema apresentavam o interesse principalmente nas mulheres e nas relações de poder entre os gêneros binários (homem/mulher) e os papéis sexuais. (PISCITELLI, Adriana. 2002)

Binaridade de gênero

De acordo como Berenice Bento (2003), o sistema da binaridade de gênero contribui para a ideia de que gênero e sexo estão relacionados, reduzindo-o a uma mera reflexão do sexo. Tudo isso também influenciaria na ideia da própria sexualidade, a definição e a atuação dos corpos, bem como os seus desejos, seriam determinados pela natureza.

Assim, os indivíduos buscam interpretar as normas segundo o corpo, criando expectativas e suposições quanto ao comportamento do outro, ligadas a idealização de ambos os gêneros (homem e mulher). Dessa forma, essa idealização define o que é apropriado ou não conforme o gênero atribuído a cada pessoa, seja ela homem ou mulher. Segundo Bento, também é responsável pela hierarquia e exclusão entre os gêneros. “A intenção de (re)produzir o modelo hegemônico da mulher (bondosa, compreensiva, passiva, sensível, vaidosa e, principalmente, que tenha o matrimônio como destino) e do homem (que não chora, viril, sexual e profissionalmente ativo, competitivo) potencialmente provoca sentimentos de frustração e de dor.” (BENTO, Berenice, 2003. n.p.). Portanto, aqueles que não agem conforme a idealização, (base da reprodução das normas de gênero), socialmente imposta, são considerados carentes de autenticidade, sendo exilados em

si. Causando um sentimento de insuficiência que aflige várias pessoas, visto que há um determinante das identidades e desejos.

Butler, ao discutir também sobre a noção de um sexo “verdadeiro”, apresenta que ela é oriunda de práticas reguladoras que geram identidades coerentes por meio de uma matriz de normas de gênero. Essa matriz cultural, responsável por tornar a identidade de gênero em um conceito inteligível, segundo a autora, requer a impossibilidade de existência de outras formas de identidades de gênero, neste caso, aquelas que não decorrem do sexo. Portanto, essas formas de identidades de gênero seriam vistas como falhas ou logicamente impossíveis de se compreender, uma vez que não se adequam às normas culturais. Assim sendo, o fato de existirem e resistirem permite o ato de se questionar e analisar criticamente a matriz que gera a rivalidade e subversividade entre os gêneros. Todavia, os indivíduos que se identificam com gêneros classificados dentro da matriz binária como “incoerentes ou descontínuos”, são questionados e exilados da noção de “pessoa”, por não se adequarem às normas de gênero culturalmente inteligíveis.

Por fim, torna-se relevante trazer a essa discussão uma suposição feita por Bento (2003), em sua obra mencionada anteriormente, **Transexuais, corpos e próteses**. A autora levanta a questão que, se a estabilidade do sexo binário não fosse oriundo de uma construção em que o gênero “homem” não se aplicasse apenas aos corpos masculinos, ou que “mulheres” fosse apenas empregados para corpos femininos. Segundo a autora, por mais que biológica e morfologicamente seja possível pensar na existência de apenas dois sexos, não há motivos para que não se possa questionar que eles devem permanecer em apenas número de dois. Visto que, a ideia de um sistema binário reforça a ideia de que o gênero é uma simples mimetização do sexo, e por tanto é restringido a ele. Sendo assim, quando se compreende o gênero como algo independente do gênero, de acordo com Bento, ele se torna um artifício flutuante. Assim sendo, a categoria homem ou masculino poderia retratar tanto um corpo considerado masculino quanto um feminino, e o mesmo se aplicaria às categorias mulher e feminino.

Não - binaridade de gênero: identidade, luta e desafios

Tratar do tema não binaridade com foco em estudos na área das Ciências Sociais foi um desafio em razão da pouca bibliografia encontrada até o momento de produção deste trabalho, produzida especificamente nesta área do conhecimento. Portanto, prezei por utilizar autores de formações diversas. Como Neilton dos Reis e Raquel Pinho (2016), que apresentam um interessante trabalho sobre pessoas não binárias no contexto escolar. Os autores se apoiam no conceito de Lorenzo Bernini (2011) sobre a transgeneridade, que seriam pessoas as quais não se identificam com o gênero que lhe foi atribuído ao nascimento, portanto, se identificando com o gênero “oposto” ao seu sexo. Sendo assim, eles definem que pessoas não-binárias são “[...] indivíduos que não serão exclusiva e totalmente mulher ou exclusiva e totalmente homem, mas que irão permear em diferentes formas de neutralidade, ambiguidade, multiplicidade, parcialidade, ageneridade, outrogeneridade, fluidez em suas identificações.” REIS, dos Neilton. PINHO, Raquel. 2016, p.14). Segundo eles, existe uma multiplicidade de expressões de identidades não-binárias de gênero. Conforme apresenta Marcia Sardinha da Costa, “as identidades de gênero não-binárias são, na sua maioria, termos novos criados e/ou adotados como forma de tornar viável a experiência de si de forma mais subjetiva sem, contudo, perder a ligação com o social.” (2020, p.64). A autora apresenta que a coexistência de identidade não é recente, e de acordo com ela, o feminismo já havia proposto esta ideia, visto que as identidades nesta comunidade não se limitam apenas ao imaginário ou ideal de mulher.

Outra questão abordada brevemente por Dos Reis e Pinhos relaciona-se quanto à expressão de gênero dessas pessoas por meio da vestimenta. Segundo Berenice Bento, a identidade de gênero pode ser expressada por meio de roupas e acessórios. Dos Reis e Pinhos apontam que essa pode ser uma forma de resistência ao misturar elementos considerados femininos e masculinos em seu estilo. Portanto, essas pessoas por vezes travam uma luta contra uma matriz que não os contempla ou até mesmo é um dos motivos pela violência que podem se tornar vítimas.

Conforme apresenta Marcia Sardinha da Costa (2020), a simples existência de pessoas não binárias e sua luta por reconhecimento, é responsável por afetar as estruturas da matriz binária, assim como as estruturas de poder envolvendo os gêneros. Dessa forma, a autora propõe que esse fenômeno pode ser responsável por uma resignificação da maneira como as pessoas se relacionam com a língua, gênero, sexualidades, corpo e desejos. “O que implica dizer que estamos construindo um campo mais plural onde buscamos neutralizar o/e sujeito/e universal e abrir caminho para as múltiplas formas de existir e expressar vivências e experiências.” (COSTA, da, Sardinha Marcia. 2020, p. 35).

A autora também discute sobre as necessidades e reivindicações da comunidade não binária. Segundo ela, essas pessoas anseiam que suas identidades sejam reconhecidas, “isto é, de poderem não só moverem-se no espectro de feminilidades e masculinidades como de estar em outra condição de existência em que não seja preciso assumir um posicionamento nesses ou entre esses lugares, criando um lugar neutro.” (COSTA, da, Sardinha Marcia. 2020, p. 35). Ela aponta que em suas falas, pessoas não binárias expressam que a construção socio-histórica acerca da relação entre sexo e gênero, sexualidade e desejo não abarcam também a sua realidade, tornando seus corpos, expressões confusas, incompreendidas e apagadas socialmente.

Uma dessas estruturas é a própria língua portuguesa, por exemplo. Héilton Diego Lau e Gabriel Jean Sanches ao discutir sobre a linguagem neutra, demonstram que a língua portuguesa apresenta uma hegemonia do masculino sob o feminino, além de ser uma língua com forte demarcação de gênero. Todavia, eles demonstram que há termos neutros em função ao gênero na própria língua, e também citam a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), que se o gênero não for demarcado antes da palavra com os sinais referentes a homem ou mulher, é possível falar sobre uma pessoa sem especificar seu gênero.

Costa (2020), apresenta que a linguagem neutra tem sua origem na década de 1960, criada por feministas, com o intuito de neutralizar a ideia de um sujeito universal nos âmbitos acadêmicos e científicos. Essa forma de escrita, segundo ela, é utilizada por pessoas não binárias em busca de minimizar incômodos causados por termos com forte demarcação de gênero. Assim sendo, Lau e Sanches (2019) apontam que para além da construção linguística carregada de elementos opressores e excludentes, o próprio meio social está sendo responsável por quebrar esses paradigmas. O que, de acordo com eles, não seria uma coisa nova, visto que a língua é também é passível de mudança, sendo acompanhada pela gramática.

Facebook, comunidade, desabafos e apresentações: Análise dos Relatos

Para a realização deste trabalho, analisei as postagens de um grupo da rede social Facebook. Neste grupo se encontram, além de pessoas não binárias, aquelas cujo gênero não se encaixa nos padrões binários, participam também pessoas de gênero fluido que conforme Filipe Fontoura Polonini (2019) apresenta, se caracteriza por uma identidade em que gênero flui entre as categorias feminina e masculina dentro do espectro de gênero, mas sem um período de tempo definido para que essa fluidez aconteça. Ademais, há também a presença de homens e mulheres transgênero, os quais, de acordo com Bento (2003), são pessoas que se identificam com o gênero oposto ao que lhe foi imposto de acordo com seu sexo, portanto, estão dentro da categoria binária de uma certa maneira.

Até a data de produção deste trabalho, o grupo possui 2.273 membros. Houve a tentativa de uma aplicação de um questionário com o intuito de delimitar um perfil dos membros não - binários, todavia, não houve nenhuma adesão. Sendo assim, foi realizada uma análise de alguns perfis com base em postagens realizadas por eles no grupo em que foi especificado que se identificavam como não-binários. Os únicos dados passíveis de serem acessados foram o estado em que residem e a quanto tempo são membros do grupo. Foram analisados 21 perfis, dentre eles, 8 residem no estado de São Paulo, 3 em Minas Gerais, 3 no Rio de Janeiro, e apenas 1 residindo em cada um desses estados: Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Amazonas, Piauí, Ceará e Paraná. Dentre eles, apenas um é membro há 1 ano, sendo os demais membros a mais de 3 anos.

Foi possível perceber que além de desabafos, algumas pessoas utilizam o grupo para fazer novas amizades e receber informações como dúvidas sobre certas nomenclaturas de gênero, tratamento hormonal, etc. Há também anúncios de autopromoção em relação a trabalhos realizados pelos participantes, produtos, produções artísticas, encontros e eventos voltados a esse público. A ideia de desabafo neste trabalho está relacionada à exposição de sentimento e emoções experienciadas pelo sujeito, sendo publicadas com o intuito de buscar compreensão e acolhimento.

Todavia, antes de discuti-los, é relevante tratar sobre como as emoções são também fruto da cultura e história de uma sociedade. Bispo e Coelho (2019) ao tratar do campo da origem Antropologia das Emoções e também sua formação no contexto brasileiro, apresentam vários estudos relacionados aos estudos das emoções envolvendo diversos contextos e temporalidades. Eles apresentam que Catherine Lutz, Michelle Rosaldo e Lila Abu-Lughod, precursoras desse campo antropológico, discutiam que os sentimentos estão relacionados a performances de gênero assim como estão relacionados à sexualidade. Portanto, elas buscavam compreender como as emoções estão ligadas na determinação dos poderes e do status na sociedade. Além disso, queriam entender como se dava a “construção cultural” das emoções por meio do historicismo e do relativismo. Ademais, em seus por meio de seus estudos pode-se perceber a ideia

sistematizada que grupos sociais geralmente considerados passivos e inferiores eram considerados emotivos a um certo ponto e, portanto, irracionais como mulheres, negros, camponeses, homossexuais, indígenas ou grupos de culturas diferentes da cultura ocidental, entre outros. E assim, através de seu trabalho, buscavam desmentir tais ideias.

De acordo com Cláudia Barcellos Rezende e Maria Claudia Coelho (2010), as emoções no contexto ocidental são generificadas. Em especial, existe a ideia de que mulheres são mais instáveis e controladas por seus hormônios, lhes tornando menos racionais. O que lhe atribui, por outro lado, a ideia de serem mais acolhedoras e cuidadosas em comparação aos homens. Portanto, elas apontam que a maneira como se compreende e experiência da vivência do corpo é influenciado pelas construções histórica e culturalmente construídas. O que dificulta a separação do que seria realmente biológico ou cultural no que se refere às emoções.

Além disso, as autoras discutem sobre a relação entre sentir e expressar uma emoção. Segundo elas, mesmo que não exista uma palavra em determinada língua para expressar uma emoção específica, não significa que isso impeça os indivíduos que a falam de senti-la. Ademais, a medição da emoção por meio da linguagem dificulta a separação entre o sentimento e como ele é percebido.

Dentre os relatos nas páginas do Facebook, em geral, há algumas apresentações de si feitas pelas pessoas ali frequentadoras da página com o intuito de estabelecer novas relações e talvez novas amizades. Há também desabaços quanto a se sentirem invalidados ou atacados por outros. Foram selecionados alguns exemplos:

“Olá gente me chamo ****, tenho ** anos, meu intuito é entrar aqui e conhecer pessoas não binárias, saber como foi que você começou a se identificar assim, porque estou em uma fazer de auto descoberta e gostaria da ajuda de vocês pra isso, eu me identifiquei com muita características das histórias que escutei em minhas pesquisa, mas não tenho certeza, por isso que eu tou pedindo ajuda pra quem quiser me ajudar, quem quiser pode me chamar da um oi ou pode contar suas histórias.”

Este é um dos exemplos de apresentações, como é possível perceber, o/e usuário/e está em busca de estabelecer relações não apenas com o intuito de encontrar pessoas que se sintam como ele/u, mas também, em busca de esclarecimento visando a reafirmação por pessoas dessa comunidade quanto a sua própria identidade.

“Quando descobri que era não-binarie e contei para os meus amigos, eles ficaram um pouco confusos e alguns até me ridicularizaram. Mas alguns amigos ficaram e queriam me entender. Nem eu sabia explicar, como explicar a gente (cresci no interior e só comecei a entender recentemente)? É complicado, então fui buscar referências, ler artigos, ver vídeos. E estou aqui para indicar um filme e uma série. Me abriram os olhos e eu e meus amigos choramos juntos. Principalmente em relação ao preconceito, violência e não aceitação. Assistam Todxs nós (HBO) e Valentina (Netflix)!!”

Neste relato, pode-se notar que o/e usuário/e buscou compreensão, aceitação e apoio de seus amigos. Entretanto, por falta de palavras e informações quanto às identidades não-binárias em seu cotidiano, houve uma falha na comunicação, o/e tornando, até mesmo, vítima de ridicularização. Ambos os relatos acima falam sobre se descobrir não-binário, podemos relacionar com o conceito de dispositivo de sexualidade de Foucault. De acordo com Eduardo Alexandre Santos de Oliveira em seu artigo conceito de dispositivo de sexualidade na obra foucaultiana a vontade de saber (2021), a sexualidade é produto da histerização do corpo da mulher, a pedagogização do sexo da criança, a socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer perverso, neste sentido, Foucault caracteriza a sexualidade como um dispositivo histórico. Oliveira expõe que há uma relação entre o dispositivo da sexualidade e o dispositivo da aliança, que é responsável por reproduzir a lei, difundindo que é proibido ou não e também delimitando quem deve ser ou não os parceiros amorosos de cada indivíduo. Enquanto o dispositivo da sexualidade opera segundo as formas de controle existentes, conforme o poder e ascensão de corpos e prazeres. A relação entre eles se dá através da família, que atua

como um agente da sexualidade encaminhando aqueles considerados “anormais” aos especialistas na área da sexualidade para tratá-los. “Os discursos normalizadores desses peritos reverberam homossexuais que recusam as mulheres, homens sádicos, mães indiferentes, entre outros considerados anormais.” (SANTOS DE OLIVEIRA, Eduardo Alexandre. 2021, p.96). Neste sentido, podemos refletir, com base em tudo que já foi discutido, que pessoas não binárias são consideradas anormais por não se adequarem a matiz binárias de gênero, sendo assim, elas foram pedagogizadas desde a infância pela família e pelas instituições de seu gênero estariam relacionadas ao seu sexo. Portanto, apesar de se sentirem diferentes, cresceram com a ideia de que seriam homens ou mulheres, e por isso, podemos entender que utilizam a expressão “se descobrir” não binário ou “autodescoberta”, pois, após procurarem informações por conta própria, poderiam compreender sua identidade de gênero, sem seguir de acordo com a imposição cultural e social.

[...] Eu me identifico enquanto uma pessoa não binária mas escolho pronomes masculinos pelo fato de distanciar do gênero biológico e validar minha "não binariedade"
Me sinto confortável estando feminino
Também me sinto muito confortável performando masculinidade
Mas sinto uma grande pressão pra ser andrógino
Eu estar vestido "de acordo com meu gênero biológico" com uma make ou algo do tipo não me faz menos nb
Mas pq as pessoas pensam assim?
Não tenho nenhum problema em relação a minha genital, só o resto que me irrita as vezes... Então começar um tratamento com T não resolveria pra mim pq apesar de mudar minha voz e fisionomia afetaria justamente o que eu não tenho problema”

Este usuário apresenta um problema recorrentemente apresentado no grupo, a pressão social por ter uma aparência andrógina, ou seja, apresentar características femininas e masculinas ao mesmo tempo, tornando difícil para as demais pessoas “definir” se seria um homem ou uma mulher. Além disso, é possível perceber que em relação a essa pressão, o usuário tem algumas vezes problemas com o próprio corpo. Ele continua apresentando outra preocupação em relação à nomenclatura, como foi discutido anteriormente. Muitas vezes faltam palavras para representar essas pessoas, como, por exemplo, aqueles responsáveis por educar e criar uma criança:

[...] E também estou um caos mental pois namoro uma mulher que é mãe
E tenho o filho dela como meu também
Ele tem quase dois anos mas não sei qual papel vou ocupar na vida dele
Padrasto? Madrasta?
Eu e minha mulher até brincamos que vou ser Pãedrasto kkk
Alguém me ajudaaaa”

Outros internautas buscaram auxiliar quanto a questão da nomenclatura apresentada pelo usuário acima:

“Eu e minha namorada sempre falamos sobre maternidade/paternidade de uma forma fora da cisgeneridade. E usamos o termo "Pame" eu acho bem fofo. Nossas vivências sendo pessoas NB tem muito a ser explorada, e de certa forma eu amo isso.”

“Eu uso tanto papai quando "Manai" com meus filhos. Ma=mamãe e Nai=fonética de pai”

Outro/e usuário/e apresenta um relato sobre ataques sofridos por pessoas que também são parte da própria comunidade LGBTQPIAN+:

“Gente, alguém mais aqui já sofreu ataque de gays e mulheres trans por se declarar não binário? Pra se considerar NB tem mesmo q ter visual andrógino?”

Pode-se observar mais uma vez a imposição de apresentar uma aparência andrógina como justificativa para o apagamento e invalidação de identidades não-binárias. Outros/es dois internautas responderam à publicação compartilhando experiências parecidas com a retratada acima:

“Não generalizando, mas muitos trans binários tem certo preconceito com nb's

Ao invés de entender eles invisibilizam nossa vivência, uma pena que algumas letras da sigla se achem exclusivas sem respeitar a pluralidade de gêneros existentes

Mas não é necessário ter um visual andrógino, acredito que ser um trans nb é sobre como nos identificamos e nosso visual "expressão de gênero" é um assunto a parte, até pq cada vivência é única e devemos nos vestir como nos sentimos bem”

“Já ouvi que sou mulher quando me convém e errar meu próprio pronome era motivo para validar o desrespeito com ele. Ser um trans nb é mais do que uma expressão de gênero e um uso de pronomes acredito eu. Ser nb é estar aquém dessas questões de binariedade.

Quando me afirmo não binario, eu digo que meu corpo é plástico suficiente para eu misturar todos os signos sem afetar como eu me vejo. Algo que para quem é cis ou até algumas pessoas trans "raiz" (como já ouvi esse termo) é praticamente impossível entender.”

Ambos argumentam que não há uma forma “correta” quanto à expressão de gênero ao se identificar como uma pessoa não-binária, e a também demonstram em sua fala a falta de compreensão e a inviabilização de suas identidades de gênero.

Portanto, é possível perceber certos fatores em comum entre esses relatos, como já foi tratado acima. Sendo assim, cabe acrescentar a essa análise conceitos abordados por Rezende e Coelho (2010). Um deles é o medo conceituado por Norbert Elias, para este autor “o medo é um canal de transmissão das estruturas sociais à estrutura psicológica individual.” (Rezende, C; Coelho, M. 2010, p. 36). Sendo assim, provocar o medo por meio de punições, ameaças ou de forma velada como desaprovação social está presente nas formas de transmissão de valores e normas sociais. Eles se tornam “objetivos” do sujeito, os quais, caso não sejam alcançados, são passíveis de suscitar sentimento de baixa autoestima e sentimento de fracasso.

Assim sendo, conforme foi possível analisar nos relatos, pessoas não-binárias apresentam o medo de não serem aceitas caso não se enquadrem em uma aparência andrógina ou pelo simples fato de não serem representados pela matriz binária de gênero vigente na sociedade ocidental, sendo vítimas de invalidação e ridicularização. O que pode levar a pessoa a manter sua identidade de gênero em segredo. Pode-se supor que alguns desses indivíduos responsáveis pelos ataques podem realizá-los não apenas por este motivo, mas também pelo sentimento de raiva. Portanto, é relevante tratar sobre esta emoção.

As autoras apresentam certas expressões de raiva podem ser consideradas justificáveis pelos sujeitos em razão de incitar comportamentos considerados social e culturalmente apropriados, e que estejam de acordo com os valores. Portanto, é uma conduta utilizada para corrigir “desvios” sociais em busca da manutenção de interesses pessoais ameaçados por esses “desvios”. Sendo assim, pessoas não binárias podem ser vistas como desvios da matriz binária de gênero, o que, como já foi comentado, pode causar confusão a outras pessoas. Esse sentimento de confusão pode ser expresso por meio de ataques físicos ou verbais, com o intuito de condicioná-los, visto que indivíduos não binários podem ser entendidos por outros como uma ameaça ao sistema binário de gênero, que, inclusive, é responsável pela manutenção do poder do gênero masculinos sob os demais.

Por fim, outro sentimento tratado por Coelho e Rezende é a solidão. Segundo elas, há várias formas possíveis de experimentar este sentimento, entretanto, será tratado apenas um deles. Elas apresentam que uma das formas de sentimento de solidão seria o encapsulamento no próprio mundo interno, o que pode suscitar no

sujeito uma percepção distorcida e exagerada de si, provocando um sentimento de ser incompreendido pelos outros. Portanto, essa forma de solidão pode assolar pessoas não binárias, visto que, ao manter sua identidade em segredo ou até mesmo pela falta de compreensão em seu próprio ciclo social, elas podem sentir-se incompreendidas. O que poderia ser um dos motivos de se buscar outras pessoas que também são não binárias para formar laços e uma comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunidade não binária enfrenta diversos problemas em razão da invisibilização e exclusão sofridas por um sistema que defende que aqueles que fogem do padrão, homem e mulher, que se adequam ao gênero que lhe foi atribuído ao nascimento, são aqueles que não são desconsiderados da categoria pessoas, representando uma ameaça na forma de um desvio sócio-cultural.

Em função dos sentimentos de solidão e medo, pessoas não binárias buscam formar comunidades, inclusive na internet, onde podem se relacionar com pessoas que são passíveis de aceitá-las e compreendê-las. Fornecendo um lugar aberto a desabafos, formar veículos de amizade e de acolhimento.

Entretanto, não se deve reduzir a experiência de não binaridade de gênero a violência e invisibilidade social. Como foi apontado anteriormente, sua simples existência já é uma prova de luta e resistência contra um sistema excludente que contribui para a submissão entre os gêneros.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. Transexuais, corpos e próteses. Labrys: **Estudos Feministas**, n. 4, n.p., ago./dez. 2003. Disponível em: <https://medium.com/revistalabrys/transexuais-corpos-e-pr%C3%B3teses-1ae7e07b76cc> Acesso em 16 nov. 2023

BERNINI, Lorenzo. Macho e fêmea Deus os criou!? A sabotagem transmodernista do sistema binário sexual. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades. Natal. v. 5, n. 06, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2326> Acesso em: 17 nov. 2023

BISPO, Raphael.; COELHO, Maria Claudia. Emoções, Gênero e Sexualidade: apontamentos sobre conceitos e temáticas no campo da Antropologia das Emoções. **Cadernos De Campo**, São Paulo. v. 28, n. 2, p. 186-197, 2019. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/165042> Acesso em: 27 nov. 2023

BUTLER, Judith P. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. Recurso digital.

COSTA, Márcia Sardinha da. Gênero e identidade(s) na contemporaneidade: os desafios do não-binário. **Dissertação** (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/be6bf3e2-f757-412e-bdb1-9f2e16d5be91> Acesso em: 17 nov. 2023

LAU, Héilton Diego; SANCHES, Gabriel Jean. A linguagem não-binária na língua portuguesa: possibilidades e reflexões. **Revista X**, Curitiba, v. 14, n. 4, p. 87-106, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/66071> acesso em: 17 nov. 2023

ELIAS, Norbert. O processo civilizador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

PISCITELLI, Adriana. Recriando a (categoria) mulher? In: ALGRANTI, Leila Mesan (Org.). **A prática feminista e o conceito de gênero**. Textos Didáticos, n. 48. Campinas: IFCH/Unicamp, 2002, p. 7-42.

POLONINI, Filipe Fontoura. O que há entre os saltos e o chapéu: os debates que perpassam a categoria de gênero chamada "fluido". **Trabalho de Conclusão de Curso**, Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de

Ciências Humanas, Juiz de Fora, 2019. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/bach/wp-content/uploads/sites/537/2016/10/FILIPE-FONTOURA-POLONINI.pdf> Acesso em 27 nov. 2023

REIS, Neilton dos; PINHO, Raquel. Gêneros não-binários: identidades, expressões e educação. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 7-25, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/7045> Acesso em: 16 nov. 2023

REIS, Neilton dos. (Re)invenções dos corpos nas experiências da não-binaridade de gênero. **Letras**, Macapá, v. 7, n. 1, 1º semestre, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/view/3092> Acesso em: 16 nov. 2023

REZENDE, C. B.; COELHO, M. C. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. (Livro)

SANTOS DE OLIVEIRA, Eduardo Alexandre . O conceito de dispositivo de sexualidade na obra foucaultiana a vontade de saber. **Kalagatos**. v. 12, n. 24. p. 89–108, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/6165>. Acesso em: 27 nov. 2023.